***

Chope

O dia amanheceu ensolarado, como todos os dias naquela terra. O piar dos pássaros coloridos nas árvores amarelas que abundavam no quintal da família teria servido de despertador para aquela família, não fosse o calor infernal que os tinha sacudido das esteiras para fora daquela casinha de barro maticado.

– Maldito calor. Que falta sinto de *Ngwavuma*[1]. As manhãs eram sempre muito frescas, e o orvalho límpido nas plantas dava para ver o reflexo da nossa cara. – Resmungou Nchopi, o dono da casa, coçando a cabeça e revirando os colares de missangas que o adornavam o pescoço.

O som dos pássaros, fugindo em debandada, fez-lhe desviar a atenção para o seu filho.

– Makumbana, deixa os pobres passarinhos em paz. Essa tua fisga parece o raio do *Mfekane,* que nos faz fugir de um lado para o outro. – Vociferou o homem.

Makumbana colocou a fisga no pescoço e sentou-se à sombra da árvore. Não entendia por que é que o seu pai implicava com a sua perseguição aos passarinhos. Eram tantos, e tão coloridos, que não fazia mal nenhum abater um deles para poder segurar aquelas cores todas na palma da mão.

– Devias é comportar-te como os rapazes da tua idade e ir procurar algo para caçar. – Resmungou, ranzinza, o pai.

1 Região do KwaZulu-Natal, na África do Sul, localizada à margem do rio Ngwavuma.

– O exemplo ensina melhor do que as palavras – Disse a mãe em voz baixa, mais para si do que para o marido, que ouviu, mas não ripostou. Apesar de viverem um momento de grande convulsão social, ele era camponês e nunca tinha integrado qualquer grupo de guerrilha. Ele sabia que a resposta da esposa tinha mais a ver com a sua natureza pacífica e o esforço para nunca se envolver em conflitos do que propriamente com a insistência para Makumbana se tornar caçador.

– Quem decidiu que, para reinar, precisa de matar e expulsar as pessoas das suas terras?! Todos nós chegamos da mesma forma nesta terra, e o fim de todos é a morte. Por que é que eles pensam que adiantar a morte dos outros os torna mais poderosos? Não deviam, antes, procurar um jeito de aumentar os seus próprios anos de existência na terra? – Refilou o pai de Makumbana, espetando no chão a catana que tinha na mão. – Por causa desse maldito Nkosi, tivemos que descer o rio *Ngwavuma* até à foz, aqui nesta planície do *Pongolo*[2], e suportar todo este calor.

Apesar do calor, Pongolo era uma terra fértil, com uma grande variedade de árvores de fruto. Mas por alguma razão, os jovens da região dedicavam-se mais à caça do que à agricultura. Ele e a família cultivavam o seu alimento à volta da casa, Makumbana e alguns vizinhos dedicavam-se à pesca do peixe tigre no rio Pongolo.

Naquele momento, ele olhava para o pai a revirar a catana na terra, ora enterrando-a cada vez mais fundo, ora desenterrando-a. Desejava que, naqueles buracos aleatórios, o pai enterrasse toda a raiva e frustração e pudesse recuperar

2 O Rio Pongolo (ou Phongolo) é um rio da África do Sul e Moçambique, afluente do rio Maputo. O Pongolo nasce próximo a Utrecht no norte da Província de KwaZulu-Natal, corre para leste através de Pongolo, é represado em Jozini, cruza os Montes Libombos, toma a direcção norte para Moçambique e pouco depois de cruzar a fronteira desagua no rio Maputo.

o optimismo que o caracterizava quando Makumbana era ainda um menininho pueril.

– É melhor dar utilidade a essa catana e a essa força que desperdiças no chão. Leva o teu filho e vão cortar lenha, que a comida não se cozinha com sol.

Makumbana olhou para a mãe e sorriu. Era de baixa estatura, facilmente confundível com uma criança. O seu peito era quase inexistente e só se avolumava quando estivesse a amamentar. As capulanas que amarrava davam várias voltas ao seu corpo, antes de terminarem num pequeno nó do lado esquerdo da cintura. Aquela pequenez física contrastava com a sua determinação. Ao contrário das mulheres do seu tempo, a sua mãe não se submetia a tudo a que o marido quisesse. O normal seria que a mulher fizesse coro às lamentações do marido, mas ela sempre o lembrava de que havia coisas mais importantes na vida do que lamuriar-se. Vezes sem conta, ouvira a sua mãe repreender o marido pelo vitimismo a que ele próprio se submetia. E o seu pai invariavelmente respondia:

– Que mulher é esta que me calhou, que não consegue manter a língua quieta na boca. – E, depois disso, invariavelmente também, seguir os conselhos ou orientações dela. Naquele dia não foi diferente, levantou-se e ordenou a Makumbana que o seguisse.

A mãe de Makumbana olhou para os seus dois homens a afastarem-se com passos firmes. Sentia a cabeça a latejar de dor, e o calor piorava a situação. Se ainda estivessem em Ngwavuma, ela só teria que ir até à beira do rio, descascar um pedacinho de tronco das árvores que preenchiam a vegetação da margem, e mastigá-lo para aliviar aquela dor. Naquela terra estranha, não havia as árvores Ngwavuma.

Respirou fundo, ajustou a faixa de conchas que lhe adornava a cabeça e voltou a esmagar os grãos de milho no pilão de tronco de árvore.

***

Soares

Um jovem robusto e suado, sentado na marina, apreciava o enorme Monte Cara que fazia sombra à ilha:

– Vocês não acreditam, mas esta montanha é um enorme gigante transformado em pedra. – Contava ele todos os dias para qualquer um que quisesse ouvir. – Certo dia, ele foi caminhar por ali, perto d´água, escorregou na terra molhada e caiu de costas. Por ser muito grande, não conseguiu levantar-se e implorou pelo auxílio dos céus. O tempo passou e o auxílio não veio. O sal do mar e a areia da praia foram grudando nele, solidificando-o. Com o passar do tempo, muitíssimo tempo, sobrou apenas o contorno da sua cara, a olhar para o céu, aguardando intervenção divina, que nunca chegou.

O jovem vivia no Mindelo, com a sua mãe, num casebre que mais não era do que um quartinho de terra batida, com paredes feitas de tambores de latão abertos, esticados e alisados. A cobertura do casebre era feita de telhas de madeira esburacada.

O seu pai era o português Francisco Soares, empregado nos serviços da estação telegráfica, que se apaixonara pela sua jovem mãe, o que lhes garantiu duas refeições diárias por muito tempo, o que era um privilégio se comparado com os outros nativos, que praticamente só jantavam. Entretanto, apesar do amor ser grande, não era maior que o preconceito e a vergonha de ter uma mulher preta, e, como tal, não foi suficiente para levá-los a morar na sua casa de alvenaria, amarela e branca, com enormes janelas verdes.

Os seus pais namoravam há menos de um ano, quando a mãe descobriu que estava grávida. A mulher informou a Francisco Soares, com fingido descaso:

– Não te preocupes. Vou livrar-me disto. Não quero que penses que quero prender-te a mim. – Na verdade, era exactamente o que ela queria.

Francisco respondeu:

– Eu não sou homem de fugir às minhas responsabilidades. Não tens de falar como se a vida de uma criança fosse algo sem valor. Deixa que venha ao mundo, e será cuidada com muito carinho.

Quando a criança nasceu, Francisco foi registá-la sozinho, como filho de mãe incógnita, dando-lhe o seu próprio nome: Francisco Soares Júnior.

Toda a sociedade de importância naquela altura conhecia e reconhecia Júnior como filho de Francisco, e isso garantiu que ele, apesar de continuar a viver numa casa de tambor, tivesse acesso a escola e a outros privilégios.

Entretanto, chegou o dia que era temido pela mãe de Júnior, mas que ela sabia ser inevitável:

– Eu tenho que voltar para a minha terra. – Comunicou Francisco, com pesar na voz. – A minha missão aqui terminou e eu tenho que voltar à metrópole.

A mulher ficou calada. Não havia nada a fazer e nada do que ela dissesse mudaria aquela realidade.

– Vou deixar ao Júnior os meus pertences do dia-a-dia. Este envelope tem algum dinheirinho que ajudará por um tempo. Logo que puder, enviarei mais.

Desta vez, ela soltou uma gargalhada triste.

– Não mandas, não, e nós os dois sabemos disso. – Murmurou ela. – Além dos teus pertences, podias também deixar a tua casa para ele.

– Bem sabes que não posso. Quando sair, põem lá, logo de seguida, o colega que vem substituir-me. – Retorquiu Francisco, em tom de lamentação.

– Quanto a ti, Júnior, não deixes de estudar e, sempre que tu e tua mãe tiverem alguma emergência, já te apresentei as duas pessoas a quem podes recorrer. – Disse, virando-se para o filho.

Júnior acenou positivamente com a cabeça, mesmo sabendo que sua mãe nunca o deixaria ir pedir ajuda àquelas pessoas.

Francisco voltou para a sua terra, triste e desconsolado. Pouco tempo depois, os seus pais encontraram uma moça portuguesa, de família, para lhe matar as tristezas e as mazelas que trazia de África, e cuidar da sua casa. Francisco casou-se e nunca mais voltou para Cabo Verde.

A mãe de Júnior também arranjou novo amor, o Martins, da companhia inglesa responsável pela dessalinização da água. Por isso, continuaram na ala dos privilegiados que, agora, além das duas refeições diárias, consumiam água potável. Decorrido algum tempo, nasceu o irmão de Júnior, a quem se chamou Sousa Martins.

Os sinos das companhias inglesas acordaram Júnior dos seus devaneios. Ele não estava ali apenas para divagar sobre o Monte Cara. Aguardava um *Vapor*[3] que chegasse carregado de turistas, para se oferecer como guia e ganhar alguns trocados. Como ele, havia vários outros jovens à espera, mas a pele clara, os olhos verdes, o cabelo cacheado e o vestuário ataviado, deixado por seu pai, davam-lhe um ar confiável que o colocava em vantagem na preferência dos estrangeiros que desembarcavam do navio. Ainda não havia sinal da embarcação no porto, mas os sinos tocavam incessantemente, o que era um anúncio garantido de que alguma iria chegar.

O *Vapor* chegou e ele mergulhou na disputa pelos estrangeiros que iriam conhecer a vila. Conhecia algumas palavras em inglês, as que eram importantes para garantir a clientela, e que foram insistentemente ensinadas pelo seu pai, durante as noites que passava com eles no casebre.

3 Embarcação impulsionada por um motor a vapor que acciona rodas de água.

Durante as visitas guiadas, Júnior sorria para os visitantes, fingindo que entendia o que falavam, mas sem fazer questão nenhuma de entender. O que queria era que chegassem ao fim e lhe pagassem alguns escudos para poder ir gastar em álcool, tabaco, bailaricos até altas horas, ao som das mornas do violão.

– *Yes... its wandaful... ameizing...wancinalaife viu... yunique*…– Eram, invariavelmente, as respostas que dava às perguntas dos turistas, sem se importar com o que eles realmente perguntavam. E, depois de receber os pagamentos, atirava um "*blessiou*…" e desaparecia da vista deles, ávido por encontrar algum bar, onde gastaria o que acabava de ganhar, em goles de álcool que lhe diluiriam a tristeza e a pobreza.

A cada copo de bebida erguia-se um brinde: "*Nôs vida é ganhá, gastá / Sem pensá na dia di amanhã*", como um reconhecimento de que deviam viver cada dia como se fosse o último, e, ainda que não fosse, o dia seguinte poderia vir a ser bem pior.

Foi num desses momentos de lazer que conheceu Constança, mulher forte e destemida.

– Que mulher é esta? De onde vem? – Perguntou Júnior ao seu companheiro de boémia. Admirava não só a sua silhueta, que aparecia a cada vez que rodopiasse a longa saia rodada, de linho acastanhado, como também o seu jeito atrevido.

– Vai ficar só a olhar? Não sabe dançar? – Provocou ela, pegando o chapéu branco pela copa e tirando-o da cabeça de Júnior.

Respondendo ao convite, Júnior levantou-se e, puxando pela aba, retirou o chapéu das mãos de Constança e voltou a colocá-lo na cabeça. Ao enlaçá-la pela cintura para a acompanhar na dança, sentiu os contornos de um punhal sob o tecido da saia. Constança sentiu-o a retrair-se e declarou em voz alta:

– Há muito homem mal-intencionado aqui. *Un tem qui si guarda*[4]!

Aquelas palavras não eram apenas para acalmar Júnior, mas, e principalmente, para amedrontar os demais.

– Mulher valente. – Comentou ele, rindo-se às gargalhadas, e mergulhou na dança, enquanto pensava que a única coisa que carregava no bolso era um espelho, desde o tempo em que ainda era estudante. Ele e outros colegas mistos, andavam sempre com um, para conferir, de vez em quando, se ainda eram claros e não correrem o risco de serem discriminados por a sua pele ter escurecido.

Júnior dançou naquele dia e continuou dançando por dias, meses e pela vida afora, com Constança. Viraram par constante, não que não houvesse outras mulheres interessadas em dançar com ele, mas todas eram agressivamente enxotadas, ao fio da navalha de Constança.

4 *Alguém tem que se proteger,* em crioulo.

***

Marrime

Tinga Marrime viajava para Lourenço Marques na carroçaria de madeira de um camião de carga da marca *Bedford,* que vinha da terra da boa gente, deixando para trás a história das suas origens e buscando novas histórias de um futuro promissor.

A viagem estava a ser desagradável. Ele estava sentado por cima de um amontoado de cocos e, no seu colo havia um enorme saco de *rhale*[5], molhado de *sura*[6], que tinha transbordado de um *xibaquela*[7] por causa do calor infernal e dos solavancos da estrada.

Naquele instante, os seus olhos admiravam a água azul-turquesa que banha a zona de Inharrime. Lembrou-se da história que o seu pai contava *enentas* vezes.

– Eu e os meus irmãos fomos dos primeiros habitantes de Inharrime. Naquela altura, apenas disputávamos a água com os búfalos (*ti nharri)* que deram origem ao nome da zona. – Contava ele, com o olhar perdido no fumo da lenha que crepitava no meio do quintal. – Os búfalos vinham refastelar-se e aliviar-se do calor naquelas águas, e depois partiam, deixando o rio só para nós, ao contrário desta gente que, mesmo depois de se refastelar, continua a impedir-nos de desfrutar da nossa própria água. – Resmungava ele – Maldito espírito que me fez deixar aquelas terras paradisíacas em busca de uma vida melhor no povoado do Ceuine.

5 O mesmo que *tapioca*; Preparado feito com mandioca ralada, que aumenta de volume quando molhado.

6 Bebida alcoólica típica, obtida a partir da fermentação alcoólica da seiva do coqueiro.

7 *Garrafão de cinco litros,* em ronga.

O pai de Tinga e seus irmãos faziam parte do grupo que acompanhava os indunas Chacane, Dongane, Nhanombe, Mocumbi, Mahalamba e Nhapadiane, que depois da fixação de Manjacaze como capital do Grande Império de Gaza, decidiram explorar as terras mais ao norte.

Como ele não se cansava de contar, logo que chegaram às margens do rio, ele e os irmãos sentiram que era àquele lugar que pertenciam.

– Vamos ficar aqui. – Dissera o irmão mais velho. – Tudo o que precisamos está à nossa disposição, à nossa volta… água, terra e coqueiros.– Ele falava com voz alegre, os braços abertos e girando sobre si mesmo, como se tivesse acabado de descobrir o paraíso.

A sua alegria era tanta que não tinha como não contagiar os demais, que, depois de prepararem o terreno, montaram as tendas e se instalaram.

– A partir de amanhã, vamos procurar as árvores mais antigas ou doentes para abater e construir as nossas casas. – Instruíra o mais velho.

Assim foi. Com madeiras dos troncos dos coqueiros, fizeram a estrutura e as paredes das casas e cobriram-nas com as respectivas folhas entrançadas.

Fizeram utensílios para as suas casas com as fibras do tronco dos coqueiros. Usavam o coco na alimentação, misturando-o nas folhas comestíveis ou nos cereais. Produziam sura, bebiam água de coco e usavam as cascas de coco para acender fogueiras e como repelente dos insectos. Os troncos também eram usados para produzir canoas, que usavam na pesca. Acidentalmente, enquanto cortavam um tronco de coqueiro, o pai de Tinga mastigou um pedaço da raiz e descobriu que aquilo dava-lhe a sensação de frescura na boca e passaram a usar como escovas de dentes.